

## **A didática e a pedagogia no ensino superior: aprofundamentos teórico-metodológicos**

## **Didactics and pedagogy in higher education: theoretical-methodological deepening**

---

**Joelson Juk**

*Professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Campus Campo Largo do Instituto Federal do Paraná (IFPR). Doutor em Educação (UTP, 2019). Mestre em Sociologia (UFPR, 2002). Especialista em Educação a Distância: Tutoria, Metodologia e Aprendizagem (EDUCON, 2009). Especialista em Filosofia: Aspectos do Pensamento Filosófico Contemporâneo (PUC-PR, 1998). Licenciado em Filosofia com habilitação em Filosofia, História e Sociologia (PUC-PR, 1996)*

DOI: 10.47573/aya.5379.2.79.7

## RESUMO

Investigação sobre a didática e a pedagogia no ensino superior, com aprofundamentos teórico-metodológicos, em uma perspectiva de educação integral, do homem como um zoon politikon: atividade de estímulo e oportunidade acadêmica para (re)pensar a prática docente. Estudou-se o pensamento profícuo de Amaral Filho, Engels, Gadamer, Kosik, Lixa, Marx, Medawar, Minayo, Nogare, Pereira, Tremblay e Vieira Pinto. Como metodologia, estabeleceu-se o objetivo geral acima exposto e outros dois objetivos específicos, respectivamente, 1) considerar a abordagem hermenêutica na análise da didática e pedagogia no ensino superior; e, 2) confrontar o método tradicional/ortodoxo com o método histórico-dialético. Verificou-se se a abordagem hermenêutica tem significativo alcance para a interpretação do tema pesquisado, como práxis interpretativa e não como um mero instrumental técnico de transcrição da concreticidade, assim como, se o método histórico-dialético amplia ou não as possibilidades de investigação em educação, especialmente pelas noções de contradição, história, dialética e práxis. A abordagem hermenêutica e o método histórico-dialético, auxiliam na compreensão de que há um horizonte de transformação e de autotransformação a ser percorrido, quando a reflexão recai sobre os aprofundamentos teórico-metodológicos possíveis de serem apontados, sobretudo quando o mote da pesquisa reside no ensino e aprendizagem. Com a pesquisa crítica, espera-se o avanço do conhecimento acadêmico-científico sobre a temática proposta, ofertado em universidades, centros universitários, faculdades e institutos federais, tendo em vista a responsabilidade social inerente em qualquer exame científico.

**Palavras-chave:** educação técnica. qualitativa. hermenêutica. histórico-dialético.

## ABSTRACT

This is a research about didactics and pedagogy in higher education, with theoretical-methodological deepening, in an integral education perspective, of the man as a zoon politikon: stimulus and academic opportunity activity to (re)think the teaching practice. It studied the fruitful thoughts of Amaral Filho, Engels, Gadamer, Kosik, Lixa, Marx, Medawar, Minayo, Nogare, Pereira, Tremblay and Vieira Pinto. As a methodology, it was established one general objective and two other specific objectives, respectively, 1) to consider the hermeneutic approach in the analysis of didactics and pedagogy in higher education; and, 2) to confront the traditional/orthodox method with the historical-dialectical method. It was verified whether the hermeneutic approach has a significant reach for the interpretation of the researched theme, as an interpretative praxis and not as a mere technical instrument of concreteness transcription, and whether the historical-dialectical method expands or not the possibilities of investigation in education, especially by the notions of contradiction, history, dialectic and praxis. The hermeneutic approach and the historical-dialectical method help to understand that there is a horizon of transformation and self-transformation to be covered, when the reflection falls on the theoretical-methodological deepening that can be pointed out, especially when the research axiom lies in the teaching and learning. With the critical research, it is expected the advancement of academic-scientific knowledge on the proposed theme, offered in universities, university centers, colleges and federal institutes, considering the social responsibility inherent in any scientific examination.

**Keywords:** technical education. qualitative. hermeneutics. dialectical-historical.

## INTRODUÇÃO

O presente capítulo apresenta os resultados acerca da investigação sobre a didática e a pedagogia no ensino superior, com determinados aprofundamentos teórico-metodológicos. O estudo revelou-se como um estímulo e uma oportunidade acadêmica para (re)pensar a prática docente do pesquisador na educação acadêmica, iniciada em dezembro de 1996, no Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (Cefet-PR), atualmente Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), continuada em diversas instituições de ensino superior e atualmente desenvolvida no Instituto Federal do Paraná (IFPR).

Com o presente estudo, foi possível elevar a prática docente à um novo patamar, qual seja, o de reflexão. Refletir para compreender e agir, compreender para refletir a ação, eis uma tarefa filosófica elementar, especialmente quando se fala de ensino e aprendizagem no ensino superior no Brasil. Qualquer participação ativa e qualitativa na concepção, efetivação e reformulação desse nível de ensino, pode ser visto como fundamento e condição sine qua non para a construção de uma nação mais soberana e autônoma, de cidadãos emancipados e bem esclarecidos. Afinal, na condição de educador, aprimorar a prática docente pela busca de aprofundamentos teórico-metodológicos, já é um passo nessa direção.

Dessa forma, o objetivo geral do capítulo consiste em investigar a didática e a pedagogia no ensino superior, com aprofundamentos teórico-metodológicos, em uma perspectiva de educação integral, do homem como um zoon politikon. Assim, dada a amplitude da temática, optou-se por dois objetivos específicos: o primeiro objetivo específico trata de considerar em que medida a hermenêutica se torna uma abordagem suficiente e necessária para a análise, a compreensão e a interpretação da relação entre o docente e o discente, realizada por um processo de intersubjetividade; e, o segundo objetivo específico discute o confronto entre o método tradicional ou ortodoxo com o método histórico-dialético, pelo entendimento de que o último possibilita a apreensão das contradições inerentes ao contexto histórico e a dinâmica da educação acadêmica.

Não desconhecemos a ocorrência de outros aspectos circundantes ao ensino superior, ofertado em universidades, centros universitários, faculdades e institutos federais. Nessas instituições, aspectos como infraestrutura, organização político-pedagógica, relações de força ou poder entre gestores, docentes, técnicos-administrativos e discentes, pedagogia, didática, entre outros, também merecem análise crítica. Entretanto, acreditamos que as escolhas feitas (ou recortes metodológicos) serão suficientes para a realização da presente comunicação de pesquisa, assim como para a coleta de dados e para as considerações finais. Por isso, espera-se o avanço do conhecimento acadêmico-científico sobre a temática proposta, tendo em vista a responsabilidade social inerente em qualquer pesquisa.

## A ABORDAGEM HERMENÊUTICA

A abordagem hermenêutica, além de permitir a interpretação e de estabelecer relações em diferentes direções, possibilita a intersubjetividade entre o docente e o discente, num processo de compreensão e auto compreensão. Segundo Minayo (2003, p. 97), a hermenêutica, “propõe a intersubjetividade como chão do processo científico da ação humana”, e como práxis interpretativa requer que se busquem as diferenças e semelhanças entre o contexto do pesqui-

sado e o contexto do investigador. Também, que haja o compartilhamento entre o mundo observado e os sujeitos observados, com o mundo do investigador, porque “compreender é sempre compreender-se”. Ao adotar essa abordagem, é importante levar em consideração a observação de Minayo (ibidem, p. 98), de que:

o investigador não deve buscar nos textos uma verdade essencialista, mas o sentido que quis expressar quem os emitiu. Assim, o investigador só estará em condições de compreender o conteúdo significativo de qualquer documento/entrevista se fizer o movimento de tornar presente, na interpretação as razões do autor.

Para a autora, se faz necessário pensar que a interpretação da realidade não se constitui como dogma, como ‘última palavra’. Os pressupostos evidentes e subjacentes de uma mensagem/realidade levam o pesquisador para diferentes caminhos ou para várias direções. Cada nova descoberta, informação ou certeza deve ser sucedida de novos questionamentos, até que a convicção intelectual se estabeleça de modo consistente e esclarecedor. Esse procedimento possibilita a compreensão da ação do sujeito e do sentido que ele atribui para a ação. Também possibilita a construção de significados e do próprio universo investigado. Pensamos o ensino superior, em geral, ofertado em universidades, centros universitários, faculdades e institutos federais. Não restringimos nossa análise à uma instituição em particular. Afirmamos, assim, que o processo de compreensão conduz o pesquisador para a compreensão e para a autocompreensão, sendo possível inferir que a intersubjetividade não é contraditória a objetividade. Ambas estão presentes na ação do sujeito investigador e pertencem à dinâmica da pesquisa social. Com tal clareza, concordamos com Tremblay (2008, p. 28), quando afirma que:

o processo do conhecimento científico é, hoje, mais complexo do que outrora. Ele se organiza segundo abordagens teóricas e normas de observação que permitem apreender as relações entre as variáveis, ou ainda constatar o valor preponderante de uma delas quanto a uma realidade dada, já que se trata de isolar as significações concernentes aos conjuntos de elementos em suas inter-relações, a fim de melhor apreender as motivações, expectativas e intenções dos atores, e de reconhecer a influência neles exercida por diferentes contextos particulares. O objetivo é chegar a uma compreensão contextual, estrutural e fenomenológica da ação, situação e acontecimentos.

Através dessa compreensão crítica, portanto, é possível apreender os fatores pelos quais os sujeitos definem suas escolhas nas instituições (acadêmicas, afetivas, econômicas ou políticas). A abrangência desse processo social é que permite-nos desvendar as ações, os nexos e as motivações em um determinado contexto institucional. O sujeito investigador não é somente um coletor, analista e intérprete de dados, protegido por uma espécie de redoma de vidro, que lhe impede de sofrer contaminações do exterior. Concordamos nisso com Vieira Pinto (1979, p. 85), pois “o homem se torna um produzido por sua intervenção voluntária e progressivamente consciente daquilo que a natureza lhe oferece, ou seja, deixa de ser um produzido puro para se tornar um produzido produtor do que o produz.”

Conforme avança a pesquisa, se envolve com o universo investigado, com a realidade concreta dos sujeitos participantes da investigação, tornando-se integrante da pesquisa. É assim que consegue maior profundidade de análise do observado e experienciado. Pesquisa e pesquisador se complementam. A compreensão que se obtém da interpretação, do que se aprende quando da interação com outro sujeito, porém, não é definitiva nem tampouco hermética. Para melhor explicar isso, adotamos a ideia de círculo hermenêutico de Friedrich Ernst Daniel Schleiermacher, citado pela autora Lixa (2005, p. 35):

para compreender algo em sua individualidade, é necessário compreendê-lo em seu contexto (horizonte), que de maneira recíproca é construído a partir das partes que lhe conferem sentido. Para Schleiermacher, a circularidade compreensiva é a interação dialética do todo e das partes, que, de maneira mútua e simultânea, se conferem significado.

A lição é a de que uma compreensão resulta da circularidade entre as partes do universo investigado, e estas adquirem significado quando ligadas ao todo que, por sua vez, possui sentido quando relacionado com as partes. Disso se conclui que o processo desenvolvido pelo hermenêuta não está centrado no desvelamento de uma verdade universal, definitiva e atemporal, pelo contrário, a verdade resigna-se ao que o sujeito toma como sendo a verdade naquele instante e contexto. Por exemplo, nas relações estabelecidas entre o docente e o discente em sala de aula e nos outros espaços da universidade.

Faz-se necessário dizer, portanto, que essa compreensão da hermenêutica, bem como seus vínculos metodológicos, embora esteja circunscrito ao movimento conhecido como romantismo alemão, típico de um contexto teórico de crítica e refutação dos moldes positivistas presentes no contexto do século 19, corrobora para alcançar nosso objetivo geral de investigar o ensino e aprendizagem no ensino superior, com aprofundamentos teórico-metodológicos. Dada a importância desse movimento, lembramos isso: os pensadores do romantismo alemão, como Wilhelm Dilthey, dentro do debate entre a legitimidade de ciências que não se moldassem aos pressupostos das ciências ditas empíricas, e por isso, científicas, desenvolveu significativo trabalho no sentido de proteger as 'ciências do espírito' do positivismo. Observa-se que seu pensamento ressoa, no século 20, nas produções teóricas de Martin Heidegger, Ortega y Gasset e Hans-Georg Gadamer. Para Lixa (ibidem, p. 37), Dilthey "busca uma fundamentação epistemológica para as ciências do espírito, conferindo dignidade científica a um campo do conhecimento que vinha à margem do cientificismo de sua época."

Resulta dessa defesa, uma abordagem hermenêutica constituída mais do que um conjunto de técnicas possibilitadoras de um correto método de interpretação, como se concebia no modelo cartesiano. O que se busca com as perspectivas valorativas da historicidade dos sujeitos e de suas circunstâncias, são as dimensões mais profundas do ser e as formas como são construídos os diversos signos constituidores da realidade singular e coletiva. Vale dizer que essa concepção de hermenêutica se adéqua muito mais ao conjunto das ciências sociais e que, por isso, dentro do âmbito das ciências naturais, sofreu severas críticas.

Essa divergência deve ser percebida como algo decorrente das diferenças epistemológicas e metodológicas preconizadas por cada uma dessas concepções de ciência. Os discursos e práticas relacionadas ao que designamos como ciências naturais tratam de objetos explicáveis pelo viés da matematização dos fenômenos, enquanto as ciências sociais buscam uma compreensão dos elementos analisados, o que não pode ser visto como algo destituído de objetividade e validade científica. Mesmo nas ciências naturais, quando se quantifica os resultados obtidos em pesquisas, a compreensão desses resultados é necessária. Números, gráficos, tabelas, entre outros, são aproveitáveis se forem acompanhados de um significativo trabalho de análise e reflexão. A interpretação se faz presente como imperativo significante. Para Gadamer (1998, p. 18):

a consciência histórica já não escuta beatificamente a voz que lhe chega do passado, mas, ao refletir sobre si mesma, recoloca-a no contexto em que ela se originou, a fim de ver o significado e o valor relativos que lhe são próprios. Esse comportamento reflexivo diante da tradição chama-se interpretação.

Resta claro, nesse sentido, que a abordagem hermenêutica está fundada na intersubjetividade circunstanciada na interpretação. Assim, pensando nos diálogos entre os docentes e os discentes no ensino superior, estabelecidos no processo de ensino e de aprendizagem, não há espaço para protagonismos, a não ser que se pense o mesmo na direção oposta ao que, normalmente se convencionou, ou seja, não nas subjetividades envolvidas, mas sim no conteúdo epistemológico construído no contato entre os envolvidos. Daí resultará uma metodologia de ensino e aprendizagem em ambiente de ensino superior, seja ela ofertada em universidades, centros universitários, faculdades ou institutos federais. A produção dessa metodologia, dependerá, portanto, da capacidade dos atores cognoscente de aproveitar a oportunidade do vivido, do experienciado, do real. Amaral Filho (2003, p. 23), lembra que “nosso mundo nunca é meramente constituído por aquilo que nos chega através dos sentidos, mais além, pelo sentido que lhe damos.” Assim, entendemos que essa produção metodológica ocorre em uma determinada condição que, Vieira Pinto (ibidem, p. 95), a seguir explica:

a condição para que a prática rotineira de ação sobre a realidade se converta em ponto de partida para a reflexão crítica relativa a esses procedimentos, a ser formulada em termos de método científico, está em que ou se revelem esgotadas as possibilidades produtivas desses procedimentos ou se hajam indicado outros, originais, que, por se mostrarem mais ricos em resultados úteis, requerem o trabalho da razão para explicá-los, sistematizá-los e dar-lhes o máximo rendimento.

Para a tese aqui defendida, essa noção é relevante. Afinal, o investigador percebendo que não existe um ponto final no que concerne às possibilidades interpretativas de um fenômeno observado, ganha fôlego e estímulo. A partir das experiências dos sujeitos cognoscentes e dos discursos significadores de suas formas de viver e agir, o pesquisador parte para a busca da verdade, capta as mensagens com atenção e interpreta em condições favoráveis. Segundo Gadamer (1999, p. 709):

no conjunto de nossa investigação evidencia-se que, para garantir a verdade, não basta o gênero do certeza, que o uso dos métodos científicos proporciona. [...] O que a ferramenta do “método” não alcança tem de ser conseguido e pode realmente sê-lo através de uma disciplina do perguntar e do investigar, que garante a verdade.

A verdade, ou seja, o conhecimento, por isso mesmo, será circunstanciada em um ambiente de ensino superior, em determinada relação de ensino e aprendizagem. Uma vez que a verdade, o conhecimento, transcende os desejos e vontades intelectivas singulares, por ser algo penetrável e alcançável com muito trabalho coletivo, a abordagem hermenêutica servirá como caminho seguro para essa investigação. Em toda escolha ou recorte metodológico o risco da perda de objetividade, especificamente pelo tipo de envolvimento do pesquisador com o tema de pesquisa, existe tanto quanto em metodologias empírico-formais, tais como as positivistas ou as neopositivistas, supostamente baseadas no distanciamento entre o sujeito que produz conhecimento científico e seu objeto. Dizemos isso, pois entendemos que em qualquer produção científica não se pode confundir objetividade com distanciamento, uma vez que o investigador torna-se parte daquilo que investiga. A correspondência dessa ideia com outros autores, já apontamos, mas destacamos a crítica de Nogueira (1988, p. 318):

o que deveríamos dizer hoje em dia, quer dos progressos da ciência e técnica, quer da progressiva distância entre o sonho e a realidade? Acontece que a ciência, e sobretudo a técnica, é uma espécie de Jano bifronte, uma faca de dois gumes. Pode servir para o bem e para a mal, dependendo do homem seus resultados. Ela é essencialmente ambígua, como é ambíguo o próprio ser do homem: matéria e espírito, social e antissocial, egoísta e altruísta ao mesmo tempo.

A ambiguidade destacada pelo autor, nos impõe afirmar que não existe regra metodológica ou imperativo epistemológico determinando que a objetividade na investigação esteja ligada apenas e necessariamente a certa prova empírico-experimental. A interpretação tem potencialidade como produtora de conhecimento científico. A ciência atual, aliás, se caracteriza pelo embate entre as concepções epistemológico-metodológicas. Espera-se que os embates produzam os melhores esclarecimentos para as dúvidas e os problemas investigados. Caso contrário, conforme reforça Nogueira (ibidem, p. 318):

já dissemos como o homem deve formar uma nova mentalidade em relação ao domínio sobre a natureza. Mas sobretudo deve mudar seu comportamento, vigiando e controlando a própria atividade técnica, que, apresentando à primeira vista só utilidade, pode levar em seu bojo, a curto ou a longo prazo, os efeitos negativos e desastrosos.

Esses efeitos prejudiciais, são originados no momento em que, ao propor critérios científicos estritamente técnicos, parte dos positivistas não leva em consideração o fato da ciência moderna, de modo singular a ciência natural, fazer uso de cálculos teóricos para alcançar resultados que explicam o mundo físico, carregados de conjecturas, hipóteses de trabalho e teorias gerais. É necessário, portanto, entender, segundo Amaral Filho (2014, p. 154-5), que:

assim, coerentemente, aprendemos a aceitar todas as consequências que a finitude nos impõe. Uma delas é termos desenvolvido a convicção de que não há a possibilidade de instalarmo-nos em um lugar privilegiado, a partir do qual sejamos capazes de julgar claramente o mundo; em meio à temporalidade, turva-se o nosso olhar. Uma razão científica, tida como soberana, capaz de, não apenas julgar o mundo, mas, fundamentalmente, julgar a si mesma, fere um dos seus próprios princípios, sendo antes uma petição de princípio, portanto, uma falácia.

A coerência, consistência, eficiência e eficácia da pesquisa depende do esforço intelectual e não apenas de procedimentos empírico-formais. Daí resulta o modelo científico de análise, constatação e explicação. Por isso, a abordagem hermenêutica aqui é defendida. Produz objetividade, não como ente puro e com selo de neutralidade absoluta, mas como uma metodologia qualificada para a interpretação da didática e a pedagogia no ensino superior, como já dito, ofertado em diversos espaços de educação pública e privada.

## O MÉTODO HISTÓRICO-DIALÉTICO

Como vimos, os métodos tradicionais ou ortodoxos modernos postulam a existência de uma natureza empírica absoluta, inquestionável, a recobrir o processo científico. Quando esses métodos chegam a reconhecer a existência e a importância de uma certa natureza subjetiva na ciência, o fazem para tratá-la como elemento espúrio, sem confiabilidade, impreciso, com o qual se faz necessário conviver. É isso que nos mostra Amaral Filho (ibidem, p. 164), ao confirmar que:

a Modernidade corresponde ao que chamamos de Iluminismo. [...] Com o que, no seu desenvolvimento, a questão da verdade encastelou-se no seio das ciências empírico-formais; ou seja, tornou-se uma propriedade daquelas ciências que nada podem dizer a respeito do especificamente humano. E as ciências do homem, quando tentam equiparar-se a tais ciências, calculando-nos, acabam, não poucas vezes, manipulando em nós apenas o que apequena a nossa humanidade.

Ocorre que a ciência e, ato contínuo, a teoria científica só tem sentido porque nasce de reflexões sobre a vida, manifestada em determinada realidade concreta ou contexto de investigação. Com efeito, a ciência baseada na ideia de descolamento do mundo real ou que se deno-

minada neutra, tem impacto significativo na compreensão da vida organizacional e nos princípios pedagógicos das instituições de ensino superior, influenciando na construção dos currículos, dos manuais técnicos e nas práticas didático-pedagógicas. Não ignoramos isso: a presença do fordismo, taylorismo e toyotismo, nessas instituições, ainda é forte. Isso vale para as análises da escola de relações humanas, da teoria comportamental da administração, do pragmatismo, entre outros. Todas consideram que os mecanismos motivacionais humanos, a esfera irracional, a subjetividade, impedem o encontro com a verdade científica apropriada em laboratório, no campo, na empiria.

Nesse sentido, Medawar (1975, p. 238) explica que “o raciocínio científico é diálogo exploratório que sempre se pode resolver em duas vozes ou episódios de pensamento, imaginativo e crítico, que se alternam e interagem.” Assim insistimos na ideia de que as teorias empírico-formais possuem insuficiências, tanto nos meios que utiliza como nas finalidades que almeja. As ciências humanas e sociais alcançam resultados, com meios e finalidades diferentes, mas alcançam. Isso se torna mais evidente, por um lado, na medida em que passamos a aceitar que a cientificidade não se reduz à empiricidade incondicional, como único critério de verificação e afirmação da verdade do mundo; por outro lado, quando percebemos que as ideologias e os valores fazem parte das pesquisas científicas, mesmo quando seus efeitos são incomensuráveis, ignorados, secundários ou subjacentes. A convicção metodológica aqui manifestada, desse modo, explica porque optamos pela abordagem hermenêutica e, agora, pelo método histórico-dialético para melhor compreender as técnicas de ensinamento e o conhecimento científico educacional no ensino superior, pela diretriz teórica e metodológica.

Já tratamos da abordagem hermenêutica. Cabe agora analisarmos, em detalhes, o método histórico-dialético. Defendemos que esse método possibilita apreender as contradições inerentes ao contexto histórico onde a educação superior se insere, no caso, o sistema educacional brasileiro. Como alerta Pereira (2003, p. 141), “possibilita entender a realidade social como constructos históricos que se referem a como o homem produz o que necessita para viver”. Acontecimentos, ações e processos, ao longo do tempo, produzem alterações nas formas e no funcionamento das produções humanas. O estudo histórico-dialético evita uma visão unilateral e monolítica dos fatos, favorecendo uma compreensão de continuidade e de entrelaçamento dos fenômenos. Por exemplo, para Marx e Engels (1998, p. 11):

a maneira como os indivíduos manifestam sua vida reflete exatamente o que eles são. O que eles são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. O que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção.

Não existe uma ‘história em si’, uma ‘evolução em si’, são os seres humanos em sua produção material e em suas relações sociais que transformam a realidade concreta, ao mesmo tempo em que sofrem transformações em seu pensamento, nos produtos de seu pensamento e nas práticas materiais. Trata-se de pensar que o movimento do pensamento ocorre por meio da materialidade histórica dos sujeitos que vivem em sociedade. O método de pesquisa não pode ignorar essa concepção. Assim, partimos do pressuposto de que a pesquisa precisa ser contínua, abrangente e crítica. Não se pode desconsiderar o movimento histórico-dialético, que acontece na dinâmica entre o real e o pensamento, e que é captado pelo modo dialético de pensar, bem detalhado por Vieira Pinto (ibidem, p. 184):



o modo dialético de pensar dissipa as confusões metafísicas, pois parte desta simplíssima reflexão: que o homem pensante, a criatura lógica, que irá conhecer o mundo natural e explica-lo, é ele próprio um produto desse mesmo mundo e tem de ser entendido, em todos os seus aspectos e funções, com as mesmas ideias gerais que explicam o processo total da realidade. A produção da ideia é dialética; a expressão da ideia é formal.

O pesquisador, com essa clareza epistemológica, se prepara para encontrar desafios nas investigações e dificuldades nas interpretações pois, de antemão, sabe que deve aceitar as contradições na realidade concreta (universidades, centros universitários, faculdades e institutos federais). Vieira Pinto (ibidem, p. 213-4), diz que “ao pensar-se a si mesmo nesta perspectiva, o homem descortina no plano mais alto do pensamento a sua origem no processo universal, e começa a conceber as leis da realidade deste processo como as que conferem realidade a ele mesmo.” Perceber as contradições e apreender com elas, é uma tarefa metodológica complexa e resultante de um pensamento crítico. A elaboração do presente artigo possui, portanto, uma lógica de construção histórica e de reflexão dialética crítica. Isso para não cair em equívoco, conforme Marx (1996, p. 40) adverte:

por isso, é que Hegel caiu na ilusão de conceber o real como resultado do pensamento que se sintetiza em si, se aprofunda em si, e se move por si mesmo; enquanto o método que consiste em elevar-se do abstrato ao concreto não é senão a maneira de proceder do pensamento para se apropriar do concreto, para reproduzi-lo como concreto pensado.

Com essa passagem, Marx demonstra como reinterpretou a dialética de Hegel colocando-a de cabeça para baixo, uma vez que colocou no centro das preocupações axiológicas, epistemológicas e ontológicas, a materialidade e a concreticidade do mundo, e não o plano ideal, espiritual, especulativo. Assim pensada, a metodologia científica proeminente é que leva em consideração a materialidade e a história. Em nosso estudo, pesquisar o ensino e a aprendizagem no ensino superior, significa partir da realidade empírica, depois formular as abstrações e as ideias, para então alcançar a realidade concreta ou, em outras palavras, elaborar uma compreensão mais crítica, elabora e refinada do tema proposto. A síntese do concreto pensado se faz em um processo demorado, esmiuçador e propositivo. No estudos de fenômenos educativos, reforçamos, isso significa investigar os dados empíricos, como as atitudes e os comportamentos práticos dos sujeitos cognoscentes (docentes e discentes), para então se alcançar a síntese das determinações concretas (ensino e aprendizagem no ensino superior em universidades, centros universitários, faculdades e institutos federais.). Ao estudar os sujeitos cognoscentes, compreendemos sua história e sua existência, em todos os sentidos. Essa dinâmica do processo histórico-dialético, nos é ensinada por Marx (1996, p. 26):

quanto mais se recua na História, mais dependente aparece o indivíduo, e portanto, também o indivíduo produtor, e mais amplo é o conjunto a que pertence. [...] O homem é, no sentido mais literal, um zoon politikon, não só animal social, mas animal que só pode isolar-se em sociedade. A produção do indivíduo isolado fora sociedade – uma raridade, que pode muito bem acontecer a um homem civilizado transportado por acaso para um lugar selvagem, mas levando consigo já, dinamicamente, as forças da sociedade – é uma coisa tão absurda como o desenvolvimento da linguagem sem indivíduos que vivam juntos e falem entre si.

O fluxo de investigação, nesse sentido, transita da mais simples revelação fenomênica para a mais complexa manifestação fenomênica, visando a síntese integradora. No processo, o pesquisador, segundo Vieira Pinto (ibidem, p. 396), vai “reconhecer que somente a reflexão filosófica constitui o plano superior, onde se consoma, no pensamento gnosiológico, metodológico e epistemológico, a síntese do universal e do particular, expressa na filosofia dialética da realidade.” Na pesquisa para o artigo, significa investigar as relações cotidianas estabelecidas

entre os docentes e os discentes, os contatos entre os docentes, as reuniões de debate sobre o ensino de nível superior, os debates sobre os currículos dos cursos superiores, os documentos de legislação educacional para os cursos superiores, entre outros. Quanto mais informações ou percepções forem recebidas (realidade concreta - universidades, centros universitários, faculdades e institutos federais), maior será a capacidade de reflexão (aprofundamentos teórico-metodológicos) para se chegar ao entendimento global, síntese, do processo de ensino superior (concreto pensado).

O contexto concreto aqui é entendido como um permanente devir, pois a relação entre os sujeitos cognoscentes não estão estabelecidas como estáticas e perenes, precisam ser construídas historicamente com uma lógica relacional de práxis. No processo educacional de formação superior, as competências práticas necessitam de competências teóricas, o que indica a exigência de formação integral. Isso vale para qualquer graduado (bacharel, licenciado ou tecnólogo) ou pós-graduado (especialista, mestre, doutor ou pós-doutor). Concordamos com Nogare (ibidem, p. 380), quando diz que “a revolução ou mudança e instituição de uma nova sociedade só é fruto de uma ação conjunta entre teoria e praxe porque, como dizia Marx, a teoria sem a praxe é estéril e a praxe sem teoria é cega.” Essa é a lógica histórico-dialética que defendemos, pois visa o movimento da materialidade histórica e do pensamento concreto. Em conformidade com o pensamento marxista, buscaremos a compreensão a partir da categoria filosofia. Corrobora para que possamos compreender melhor a forma e o funcionamento das instituições pesquisadas, onde as relações entre os sujeitos são significativamente relevantes, dado que se trata de instituições de ensino e aprendizagem superior.

Pela categoria filosofia, busca-se compreender o tema da investigação e desvendar a sua essência, na perspectiva do possível concreto e não do ideal absoluto, como defendido no pensamento do filósofo marxista Kosik (2010, p. 15):

o complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade.

Aqui reside um desafio epistemológico que pode ser superado, segundo o autor: a aquisição do conhecimento da realidade concreta, a sua essência ou verdade, advém da investigação das leis fundamentais que regem esses fenômenos (concreticidade, historicidade, dialética). Assim, é necessário realizar um detour começando pelos dados empíricos (as instituições de ensino superior), passando pelas primeiras impressões até se chegar à percepção da verdade oculta, algo subjacente que não se manifesta imediatamente, provavelmente porque a sua estrutura pertence a outra dimensão dos fenômenos. A tarefa efetiva da pesquisa consiste em encontrar essa dimensão oculta, no nosso caso, no ensino e aprendizagem no ensino superior. Entende-se, dessa maneira, que a totalidade da realidade concreta não pode ser desvendada como projeto humano, a não ser que se faça uma decomposição da mesma. Nas palavras de Kosik (ibidem, p. 44), a “realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fator qualquer (classes de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido”, a totalidade significa composição e não coisa indivisível.

Para ele, esse entendimento sobre a dialeticidade da realidade concreta com a investigação, deve ser realizada na medida em que o fenômeno se manifesta sempre em algo daquilo que é. Isso porque a dialética não alcança o pensamento do exterior para o interior, nem

imediatamente, não sendo uma de suas qualidades. O conhecimento é a própria dialética, é a decomposição da totalidade. Assim, o conceito ou abstração, em termos metodológicos, é o que decompõe a totalidade da estrutura da coisa espiritualmente, visando sua compreensão plena. Das instituições de ensino superior, em geral, chegamos ao ensino, em particular. Com o detour fazemos o processo inverso. Para Kosik (ibidem, p. 50):

a compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes.

A dialética aponta para a presença das contradições entre a forma e o conteúdo da realidade concreta que, desse modo, se torna fenômeno compreensível. Pelo detour, esse fenômeno não é identificado apenas como representação empírica, adquirido pelas primeiras impressões, mas como o concreto pensado. A forma (das instituições de ensino superior) consistiu o mundo da pseudoconcreticidade que gera a ilusão, a compreensão superficial, a visão deturpada, os sentimentos pejorativos e os vícios. O conteúdo (do ensino e aprendizagem no ensino superior) consistiu o mundo da concreticidade que gera o esclarecimento, a compreensão real, a visão lúcida, os sentimentos construtivos e as virtudes. Entre a forma e o conteúdo, transitamos entre idas e vindas para nos aproximarmos da verdade (detour). Nesse horizonte epistemo-metodológico, a verdade decorre da excelência cognitiva sobre o fenômeno pesquisado, entendido como resultante de uma construção humana historicamente situada e perpassada pelas múltiplas relações estabelecidas: sujeito-sujeito, sujeito-conhecimento e sujeito-realidade concreta. As relações letivas são constantes e sucessivas, daí a necessidade de se realizar o detour, como mediação reflexiva crítica entre o profissional docente e o estudante.

Para nossa pesquisa acadêmica-científica, a decomposição do tema de pesquisa na ação investigatória e pelo conhecimento filosófico, favoreceu a obtenção dos resultados finais e o cuidado para se buscar o essencial e o existencial, o relevante e o secundário, a impressão e a constatação, a suspeita e a certeza, a contradição e a integração, o contexto e a conjuntura, a interpretação e a ação, entre outros. Segundo entende Kosik (ibidem, p. 68), “é profundamente errônea a hipótese de que a realidade no seu aspecto fenomênico seja secundária e desprezível para o conhecimento filosófico e para o homem: deixar de parte a aparência fenomênica significa barrar o caminho ao conhecimento real.” Em outros termos, sabendo que a realidade é fenomênica e que a realidade verdadeira é inatingível, a investigação começa pelo mundo da pseudoconcreticidade e termina no mundo do concreto pensado, percebido na experiência profissional em instituições educacionais.

A realidade manifestada (instituições de ensino superior) é projetada na consciência do sujeito pesquisador (ensino e aprendizagem no ensino superior) e se transforma em um trabalho científico proposto (artigo). A consciência, instigada pela razão dialética, emancipa o investigador de sua menoridade intelectual. Conforme Kosik (ibidem, p. 109), “a razão dialética é negatividade que situa historicamente os graus de conhecimento já atingidos e a realização da liberdade humana.” Por um lado, porque “não confunde o relativo com o absoluto” e, por outro lado, porque “compreende e realiza a dialética do relativo e absoluto no processo histórico.” A consciência dialética produz competência de pensamento e de conhecimento racional, ampliando os limites de análise do sujeito capaz de uma práxis investigatória.

Em termos metodológicos, essa compreensão é significativa. A ação do sujeito investi-

gador deriva de atitudes práticas e objetivas, com uso de certos recursos materiais e em vista de certas finalidades determinadas historicamente. Essa ação não é o resultado de simples abstração ou especulação, sem sentido ou história. São as relações acadêmicas de ensino e aprendizagem, estabelecidas entre o corpo docente e o corpo discente nas universidades, centros universitários, faculdades e institutos federais, que originam um ensino superior e, por via de consequência, esta comunicação de investigação. Sem esquecer que tal processo ocorre em um sistema educacional brasileiro, em espaço-tempo, interesses acadêmicos, condições materiais e culturais determinadas. Isso se explica, pela filosofia materialista concebida por Kosik (ibidem, p. 226):

sobre os fundamentos da práxis e na práxis como processo ontocriativo, cria também a capacidade de penetrar historicamente por trás de si e em torno de si, e, por conseguinte, de estar aberto para o ser em geral. O homem não está encerrado na sua animalidade ou na sua socialidade, porque não é apenas um ser antropológico; ele está aberto à compreensão do ser sobre o fundamento da práxis e é por isso um ser antropocósmico.

Como um ser antropocósmico, o sujeito pesquisador é levado a identificar o campo de investigação como uma arena de potencialização de sua ação e de sua reflexão. Uma arena do concreto pensado que, ao mesmo tempo, permite a criação das representações das coisas (conceitos, categorias, ideias) e a elaboração do trabalho científico (argumentos, dados, interpretação). A manifestação da visão histórica e da abordagem dialética aparece no trato das representações e da elaboração do trabalho técnico. Nesse momento é que se identifica a apropriação do método histórico-dialético propriamente dito. A mensagem (finalidade) e os recursos (meios) são colocados à prova. O sujeito cognoscente da práxis pode se manifestar ou pode sucumbir ao sujeito cognoscente contemplativo. Esse risco existe, como alerta Kosik (ibidem, p. 218), na medida em que “a consciência comum toma como óbvio aquilo que a filosofia descobriu, tirando-o da ocultação, do esquecimento e da mistificação e tornando-o evidente.” Como bem sintetiza Vieira Pinto (ibidem, p. 514):

a responsabilidade social do pesquisador deve levá-lo ao cultivo do pensar crítico por duplo motivo: para não se deixar enganar, pelos “ídolos” do seu tempo [...]; e para não se tornar porta-voz de concepções equivocadas que se difundirão na sociedade, e irão constituir um peso morto contrariando o progresso das ideias culturais vigentes, prejudicando os pesquisadores contemporâneos e os vindouros.

Esse compromisso ético perpassou o estudo de nosso tema de pesquisa e indica nossa visão acerca da construção da investigação, historicamente e socialmente referenciada. Em outras palavras, nossa investigação não pode se descolar do concreto pensado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente capítulo trouxe os resultados da pesquisa sobre o ensino e a aprendizagem no ensino superior: aprofundamentos teórico-metodológicos, apresentada inicialmente no XII Congresso Nacional de Educação – EDUCERE, III Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE e IX Encontro Nacional Sobre Atendimento Escolar Hospitalar – ENAEH, com as devidas atualizações e complementos. Como a investigação foi realizada em uma perspectiva de abordagem hermenêutica e de método histórico-dialético, o resultado teórico-metodológico obtido é passível de construção e reconstrução contínua, resultado de interpretação real e de uma vontade intelectual de transformação da realidade concreta, por meio de uma proposta de aprofundamento teórico-metodológico. Ao mesmo tempo, consiste

em um processo de autocrítica e autotransformação. No caminho de transformação e autotransformação, vislumbra-se inquietações axiológicas, epistemológicas e ontológicas, além de alguns dilemas metodológicos, especialmente nos momentos de escolha de recursos, referencial teórico, técnicas de seleção de informações e de redação, instrumentos de mediação entre o ensino e o aprendizado.

Com a abordagem hermenêutica, percebemos que a investigação sobre o ensino e aprendizagem no ensino superior, ganha novo sentido. Enfrenta a questão da verdade sobre a realidade concreta, sem a dependência de um método garantidor da certeza absoluta. A compreensão passa a ter um papel central na constituição da verdade, como essa se manifesta nos fenômenos e como se apresenta ao intelecto humano. A experiência hermenêutica em ambiente educacional não se reduz ao simples ato de interpretação, transcendendo-o como ato de descortinamento da realidade concreta. Antes de ser uma verdade metodológica, é um ato de confronto entre a subjetividade e a concreticidade do mundo. Não permite um compromisso com a abordagem científica tradicional empirista ou positivista. O compromisso se dá com a linguisticidade mediadora do eu com a realidade concreta. Filosoficamente, a hermenêutica deixa de ser um instrumental técnico de transcrição da concreticidade do ensino superior, para tornar-se uma práxis interpretativa. Para nossa pesquisa, essa concepção faz toda a diferença, tanto nos momentos de desenvolvimento, quanto no aprendizado conquistado. O ato de interpretação, como diálogo entre o sujeito pesquisador e o sujeito pesquisado, se abre como perspectiva de superação emancipadora de preceitos, pressupostos epistemológicos, verdades científicas, em prol de descobertas existenciais e intelectivas, com sentido/significado histórico.

Com o método histórico-dialético, amplia-se as possibilidades de investigação de caráter hermenêutico. Isso decorre da ideia de que esse método não é hermeticamente fechado. Pelo contrário, é o método da abertura para a apreensão do conhecimento, como ato de práxis. Pela práxis, o pesquisador busca a verdade na terrenalidade de seu pensamento, como diriam Marx e Engels. O concreto pensado deriva desse entendimento: matéria e pensamento são integrantes de um princípio universal e indivisível, que rege a dinâmica da realidade que se manifesta ao sujeito. Com isso, rejeita-se a dicotomia entre sujeito e objeto de pesquisa e reafirma-se a ideia de que conhecimento também é autoconhecimento. Aqui fica clara a concepção marxista de conhecimento como processo de totalização sempre inacabado e característico do ser e do fazer humanos. A consciência do sujeito pesquisador deve pautar-se em um profundo compromisso com a emancipação humana, para que o resultado de suas investigações transforme a realidade concreta, mas sobretudo seja capaz de uma transformação interior libertadora.

Finalmente, com tais entendimentos e compromissos, vale o registro de que temos clareza das limitações da investigação em educação, seja pelas opções teórico-metodológicas ou seja pelas limitações materiais e teóricas do pesquisador. No entanto, buscou-se um texto acautelado, com dedicação e esforço intelectual, retidão nas intenções e originalidade nos propósitos, em conformidade com a responsabilidade social inerente em qualquer pesquisa.

## REFERÊNCIAS

AMARAL FILHO, Fausto dos Santos. A estética máxima. Chapecó: Argos, 2003.

\_\_\_\_\_. Os filósofos e a educação. Chapecó: Argos, 2014.

GADAMER, Hans-Georg. O problema da consciência histórica. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

\_\_\_\_\_. Verdade e Método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis: Vozes, 1999.

KOSIK, Karel. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

LIXA, Ivone Fernandes Morcilo. Hermenêutica & Direito – uma possibilidade crítica. Curitiba: Juruá, 2005.

MARX, Karl. Para a crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os pensadores)

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MEDAWAR, P. B. Indução e intuição no pensamento científico. São Paulo: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, v. 27, nº 1, 1975.

MINAYO, Maria Cecília de Souza de. Hermenêutica-Dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira (Orgs.). Caminhos do pensamento epistemologia e método. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

NOGARE, Pedro Dalle. Humanismos e anti-humanismos: introdução à antropologia filosófica. 11. ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 1988.

PEREIRA, M. de F. R. Concepções teóricas da pesquisa em educação. In: LOMBARDI, J. C. (Org.). Globalização, pós-modernidade e educação. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2003.

TREMBLAY, Marc-Adélar. Prefácio: Reflexões sobre uma trajetória pessoal pela diversidade dos objetos de pesquisa. In: POUPART, Jean *et al.* (Orgs.). A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. – (Coleção Sociologia)

VIEIRA PINTO, Álvaro. Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.